

PARA UMA DEFINIÇÃO DO PROCESSO DE CONCORDÂNCIA NEGATIVA EM PORTUGUÊS EUROPEU^{1/2}

IRIS SUSANA PIRES PEREIRA
(FLUL)

0. Introdução

Têm sido muitas e variadas as definições e aplicações do termo Concordância Negativa (doravante CN). Surpreendentemente, porém, uma noção suficientemente clara de CN, com qual podemos iniciar este texto, está registada na gramática de E.S.Dias (1917:306):

- (1) "Da coocorrência de duas negativas não resulta uma afirmação, e assim diz-se, v.g.: *sem pedidos nem recomendações, sem nenhum perigo, sem perigo nenhum (...).*"

Com este autor, assumiremos, em jeito de definição preliminar, que o termo 'CN' designa contextos que envolvem um valor semântico negativo, obtido na presença de várias 'unidades negativas' numa frase. Como se comprova pelos exemplos de Dias, um dos tipos de CN acontece nos contextos em que ocorrem unidades como *sem* e palavras como *ninguém*. Designaremos estas por 'palavras-n', um termo iniciado por Laka (1990:105).

O objecto de estudo do nosso trabalho consiste neste tipo particular de CN. É nosso objectivo propor uma definição teoricamente fundamentada de CN. Para tal, procedemos à caracterização das palavras-n e à descrição e análise dos contextos representativos da sua distribuição, levadas a cabo num enquadramento teórico minimalista, o mais recente desenvolvimento da teoria linguística generativa.

O trabalho está organizado da seguinte forma. Na secção I, procedemos à apresentação da distribuição (parcial) das palavras-n em português, comparando-a

com a distribuição de unidades equivalentes em espanhol e em grego; na secção 2, apresentamos uma proposta de caracterização semântica e sintáctica das palavras-n; secção 3, é sugerida uma análise da distribuição das unidades relevantes; na secção 4, descrevemos alguns efeitos da proposta apresentada; na última secção, é (re-) definido o processo de CN.

Secção 1. A distribuição das palavras-n

Começando por considerar a distribuição das palavras-n em espanhol, conclui-se facilmente que as palavras-n em português têm uma distribuição mais restrita que naquela língua:

contextos	espanhol	português
1. <i>predicados negativos</i>	a. Dudo que se haya enterado nadie. b. Prohibieron que saliera nadie. c. Me indigna que venga nadie.	*Duido que o tenha sabido ninguém. *Proibiram que sasse ninguém. *Indigna-me que venha ninguém.
2. <i>preposições e conjunções: antes de, em vez de, se (condicional):</i>	a. Antes de hacer nada, debes lavarle las manos. b. En lugar de intentar nada ahora, es mejor esperar a más tarde.	*Antes de fazer nada, deves lavar lhe as mãos. * Em vez de tentar nada agora, é melhor esperar até mais tarde.
3. <i>construções comparativas e certos ordinais (primeiro, último): mais que, preferir ...a:</i>	a. Tu primo prefiere trabajar por su cuenta a estar bajo las órdenes de nadie. b. Es la última vez que te digo nada.	* O teu primo prefere trabalhar por sua própria conta a estar sob as ordens de ninguém. *É a vez que te digo nada.
4. <i>quantificadores (indefinidos e advérbios): pocos, só, raramente, escassamente, apenas, demasiado para:</i>	a. Poca gente entenderia nada de lo que dices. b. Raramente dice nada. c. Es demasiado tarde para ir a ninguna parte.	*Poucas pessoas entenderiam nada do que dizes. *Raramente diz nada. *É demasiado tarde para ir a nenhum lugar.
5. <i>interrogação (retórica no caso das palavras-n):</i>	a. ¿Cuándo me ha regalado nada?	* Quando me ofereceu nada?
6. <i>quantificadores universais</i>	a. En esta reunión, todo aquel que tenga nada que decir tendrá ocasión de hablar. (Laka, 1990:110)	*Nesta reunião, todo aquele que tenha nada que dizer terá oportunidade de falar.

Quadro 1: Distribuição de palavras-n em espanhol e português. Todos os contextos em espanhol são de Bosque (1980), excepto o último, da autoria de Laka (1990).

Em português, as palavras-n apenas são permitidas na posição pré-verbal, no contexto de 'não' e 'sem' e marginalmente no contexto de 'antes de'. Em todos estes contextos, as palavras-n também são permitidas em espanhol:

espanhol	português
Nadie conoce a Maria.	Ninguém conhece a Maria.
Maria no conoce a nadie.	A Maria não conhece ninguém.
Sin nada que comer, los prisioneros murieron de hambre. (Laka (1990))	Sem nada que comer, os prisioneiros morreram de fome.
El abuelo a muerto antes de conocer a ningún nieta.	? O avô morreu antes de conhecer nenhum neto. (cf. Peres, 1999)

Quadro 2: Quadro da distribuição (simplificada) das palavras-n em português.

Todavia, a distribuição de unidades restrita a estes contextos não é única à língua portuguesa. Encontramos uma distribuição claramente paralela à das palavras-n em português num subconjunto de unidades do grego moderno. Trata-se dos chamados *itens enfáticos*. Os itens enfáticos que a seguir consideramos são grafados com letra maiúscula, marcando-se assim um acento prosódico que recebem discursivamente; os itens escritos com letra minúscula são os chamados *não-enfáticos*, não possuidores de qualquer marca prosódica especial.

Considere-se o quadro 3, onde representamos a distribuição destas unidades, e atente-se nas glosas em português. Pode dizer-se que, *grosso modo*, os *itens enfáticos* equivalem às palavras-n em português, enquanto os *não enfáticos* correspondem em português a indefinidos de polaridade não específica como *algum, alguém*:

contextos	grego
- negação, frases introduzidas por <i>antes e sem</i> ;	a. O papus dhen ide <u>KANENA/kanena</u> apo ta egonia tu. O avô não viu <u>nenhum/algum</u> dos seus netos. b. O papus pethane xoris na dhi <u>KANENA/kanena</u> apo ta egonia tu 'O avô morreu sem ver <u>nenhum/algum</u> dos seus netos.' c. O papus pethane prin na dhi <u>KANENA/kanena</u> apo ta egonia tu. 'O avô morreu antes de ver <u>nenhum/algum</u> dos seus netos.'
-interrogativas, antecedentes de condicionais.	a. Pijcs <u>*POTE/ pote</u> sto Parisi? <u>*Nenhuma/ alguma vez</u> estiveste em Paris? b. Na dhis tin Ilektra <u>*PUTHENA / puthena</u> . na tis milisis. Se vires a Electra em <u>*nenhum/algum lugar</u> , diz-me.
- DPs monótonos descendentes, restrição de quantificadores	a. Oli osi gnorizun <u>*TIPOTA/ tipota</u> ja tin iphthesi, as milisun. Todos os que souberem <u>*nenhuma coisa/alguma coisa</u> sobre o assunto, falem. Liji litites idhan <u>*TIPOTA/tipota</u> .

universais;	Poucos estudante viram <u>*nada/alguma coisa</u> .
- frases introduzidas por <i>demasiado e talvez</i> ;	(9) I Ilectra ine poli kurasmeni ja na milisi se <u>*KANENAN/kanenan</u> . Electra está demasiado cansada para falar com <u>*ninguém/ alguém</u> .
- comparativas frásicas e superlativos;	(10) I Ana apodhixtike pjo ekesipni apoti perimene <u>*KANENAS/ kanena</u> . Ana provou ser mais inteligente do que <u>ninguém/alguém</u> esperava.
- futuros, conjuntivos, imperativos,	(99) Tha vro <u>*KANENA/ kanena</u> filo na me voithisi Eu encontrarei <u>*nenhum amigo/ um amigo qualquer</u> para me ajudar.
- verbos modais;	(100) Tha prepí na ine <u>*KANENAS/ kanenas</u> jatros. Tu deves ser <u>*nenhum médico/ um médico (qualquer)</u>
- verbos volitivos (strong intensional)	(101) Elpizo na emine <u>*KANENA/kanena</u> komati. Espero que <i>tenha</i> sobrado <u>*nada/alguma coisa</u> .
- disjunções, verbos negativos;	(102) Arnithike oti <u>*TIPOTA/tipota</u> . Ele negou ter visto <u>*nada/alguma coisa</u>

Quadro 3: A distribuição de itens polares enfáticos e não enfáticos em grego.

A. Giannakidou (1995/97/98) analisou a diferente distribuição das unidades em grego como diferentes manifestações de polaridade, o que passamos a descrever resumidamente. A consideração da proposta desta autora abre caminho para a análise das palavras-n em português.

Secção 2.

2.1. A definição de polaridade, segundo A. Giannakidou

Giannakidou (1995/96/97/8) define *polaridade* como uma propriedade de expressões linguísticas sujeitas a algum tipo de dependência contextual. A definição de Item de Polaridade (IPol) que propõe é a seguinte

(2) IPol:

Um IPol α é uma expressão cuja distribuição está limitada pela sensibilidade a uma propriedade semântica β do contexto onde ocorre.

(Giannakidou (1998:17))

Para esta autora, «ser polar» significa ser semanticamente defectivo e, por isso mesmo, sensível a propriedades semânticas do contexto que preencham essa *defectividade*. Para Giannakidou, é esta sensibilidade semântico-lexical a propriedades contextuais que, em última instância, condiciona a sua distribuição particular na frase.

Segundo Giannakidou, os itens não enfáticos são polares porque são sensíveis à propriedade da não veridicidade. A definição de não veridicidade que propõe é a seguinte:

(3) (Não) veridicidade:

Op^* é verídico no caso de $Op\ p \rightarrow p$ ser logicamente válido. De outra forma, Op é não-verídico.

(* Op = operador proposicional monádico)

Assim, um operador proposicional é verídico se implica a verdade da proposição sobre que tem escopo. Por exemplo, o operador 'e' pode ser classificado como um operador verídico nos dois argumentos, dado que implica a verdade de ambos:

(4) *Jacob sang and Ruth cried.* (é verdade que Jacob sang e é verdade que Ruth cried.)

(cf. Giannakidou, *idem*:107)

Por outro lado, um operador é não-verídico se não implica qualquer valor de verdade da proposição sobre que tem escopo. Por exemplo, o operador *se* condicional é não verídico na seguinte frase, na medida em que a sequência $Op\ p$ (*se vires a Electra em algum lugar*) não implica a verdade de p , i.e., não implica que se veja a Electra:

(5) *Na dhis tin Ilektra puthena, na tis milisis.* (Giannakidou, *ibidem*:75)

Se vires a Electra em algum lugar, diz-me.

Consequentemente, Giannakidou classifica de não verídicos todos os contextos em que se distribuem gramaticalmente os itens não-enfáticos em grego. Aos itens sensíveis a esta propriedade contextual, Giannakidou chama *Itens de Polaridade Afectiva*.

Segundo esta autora, os itens enfáticos têm uma sensibilidade diferente. São sensíveis à propriedade contextual da antiveridicidade, que se encontra apenas num sub-conjunto dos contextos não-verídicos:

(6) Antiveridicidade:

Um operador não-verídico Op é antiverídico no caso de $Op\ p \rightarrow \neg p$ ser logicamente válido.

Por outras palavras, um operador proposicional Op é antiverídico se a sequência $Op\ p$ implicar a falsidade da proposição sobre que tem escopo, i.e., de

p. São antiverídicos os operadores *não, sem, e antes de*. Considere-se o seguinte exemplo, também tomado de Giannakidou (1998):

(7) O pappus pethane xoris na dhi KANENA/kanena apo ta egonia tu.

(*idem:ibidem*)

'O avô morreu sem ver nenhum/algum dos seus netos.'

Sem é um operador antiverídico na medida em que a proposição sobre que ele tem escopo é falsa no momento da asserção, i.e., é falso que o avô tenha visto algum dos netos. Por serem semanticamente sensíveis à propriedade da antiveridicidade, os itens enfáticos em grego distribuem-se exclusivamente por contextos antiverídicos. Giannakidou classifica as expressões sensíveis a esta propriedade como verdadeiros Itens de Polaridade Negativa, dada a dependência estrita de operadores proposicionais com valor negativo. A autora estabelece a seguinte condição semântica para o seu licenciamento:

(8) Condição de licenciamento de IPN:

Um IPN é licenciado numa frase *S* sse *S* é antiverídica.

(Giannakidou, 1998: 141)

2.2. As palavras-n como itens sensíveis a propriedades semânticas contextuais

Como vimos, o paralelismo verificado na distribuição dos itens enfáticos do grego e das palavras-n em português é evidente. Tal como os itens enfáticos, as palavras-n em português distribuem-se exclusivamente por contextos que exibem a propriedade semântica da antiveridicidade, o que pode ser entendido como a manifestação da sua sensibilidade a esta propriedade contextual. Assim, assumindo a análise agora apresentada, propomos que as palavras-n do português sejam consideradas Itens de Polaridade Negativa.

De acordo com esta proposta, as palavras-n em espanhol, diferentemente das do português, têm codificada sensibilidade semântica à propriedade da não-veridicidade, o que acaba por justificar a sua mais ampla distribuição. Provavelmente (e de acordo com esta proposta), em espanhol as palavras-n não são IPN, mas sim IPA.

2.3. Palavras-n e valor negativo

2.3.1. Palavras-n vs. minimizadores

Para além dos itens enfáticos, Giannakidou inclui os minimizadores na classe dos IPN. Minimizadores são expressões indefinidas que existem em praticamente todas as línguas. Segundo a mesma autora, os minimizadores em grego são IPN porque se distribuem por contextos antiverídicos (cf. (9/10)) e

mesmo por contextos onde não há um operador antiverídico visível (cf. (11)). Segundo Giannakidou, nestes contextos, estes IPN são licenciados indirectamente, através de uma inferência antiverídica — uma implicatura negativa permitida pelo contexto:

- (9) *(Dhen) ipe LEKSI oli mera.
 Não disse palavra todo o dia. (Giannakidou, 1998:144)
- (10) ...*(xoris) na pi LEKSI oli mera.
 ... sem dizer palavra. (*idem: ibidem*)
- (11) An eleje LEKI, tha ton skotona.
 'Se ele tivesse dito palavra, eu tê-lo-ia morto.' (*idem:146*)
 (⇒ implicatura negativa: ele não disse nada.)

Se admitirmos, com Giannakidou, que nestes casos intervém uma implicatura negativa, também em português os minimizadores (que compreendem expressões como *patavina*, *migalha*, *vivalma*) podem ser considerados como um subtipo de IPN:

- (12) a. O João não fez patavina.
 b. O João saiu sem fazer patavina.
 c. O João saiu antes de vivalma ter acordado.
 d. Achas que alguém dá um chavo por este carro?

Concluimos, então, que, em português, as palavras-n e os minimizadores são elementos de um mesmo paradigma de expressões - IPN, porque ambos são licenciados em contextos antiverídicos.

Todavia, a caracterização feita até aqui não distingue palavras-n de minimizadores, o que não é desejável face ao diferente comportamento da classe dos minimizadores relativamente à classe das palavras-n. Repare-se no seguinte conjunto de frases:

- (13) a. Ninguém chegou.
 b. *Vivalma chegou. (cf não chegou vivalma)
 c. *Vivalma não chegou.

Os minimizadores não surgem na posição de pré-operador antiverídico, (quer foneticamente realizado ou não)⁴, o que se traduz na impossibilidade de estes elementos adquirirem valor negativo na frase na ausência desse operador. Os minimizadores têm um comportamento sintáctico mais restrito que as palavras-n, que podem aparecer na posição sintáctica pré-verbal e pré-operador e adquirir valor negativo quando o operador não está realizado.

2.3.2. Palavras-n e valor negativo

Há, então, que explicar este valor negativo exclusivo dos IPN palavras-n. As posições na literatura não têm sido consensuais sobre este assunto.

Zanuttini (1991/1994), Haegeman & Zanuttini (1991), Haegeman (1995) e Matos (1998/99) consideram as palavras-n como inerentemente negativas, submetendo-se, por isso, a um processo lógico na obtenção de um único valor negativo por frase, nos casos de co-ocorrência com outras unidades negativas; por outro lado, Bosque (1980), Rizzi (1982), Laka (1990), Ladusaw (1992), Peres (1995/97/99) e Dèprez (1997) defendem que as palavras-n não são inerentemente negativas, sendo a interpretação negativa atribuída a factores estruturais independentes das palavras-n.

Neste trabalho assumimos uma 'solução de compromisso' entre estas posições extremas. Tomando como paradigmáticas as propostas dos autores portugueses citados, a hipótese que defendemos pode ser caracterizada como situando-se *entre esses dois extremos* e beneficiando do contributo de ambos os pontos de vista.

Por um lado, com Matos (1999/99), propomos que estas unidades possuem 'natureza negativa intrínseca'. Diferentemente, porém, caracterizamos esse valor como potencial no léxico; por outro lado, propomos que o valor negativo é activado em sintaxe, no que claramente nos aproximamos da solução adoptada por Peres (1995/97/99).

2.3.2.1. A estrutura interna das palavras-n

Tal como foi proposto na literatura para outros sintagmas (cf. Ambar (1988 e, sobretudo, 1998), assumimos que uma palavra-n é uma unidade que consta no léxico como um conjunto de traços (*bundles of features*, nos termos de Chomsky (1995)), que se projecta numa estrutura de tipo NegXPⁿ. Tomemos o caso de *ninguém* como exemplo ilustrativo:

- (14) Entrada lexical de *ninguém*:
ninguém < Nome, Humano, Indefinido, Negativo* >

Quando este conjunto de traços entra numa derivação, os seus traços lexicais 'nominais' permitem a projecção de um NP (projecção lexical), que legitima os traços 'Nominal' e 'Humano'. Representamos com uma rasura (xxx) a legitimação destes traços nominais na estrutura:

- (15) [NP [N *ninguém* < Nome, Humano, Indefinido, Negativo* >]]

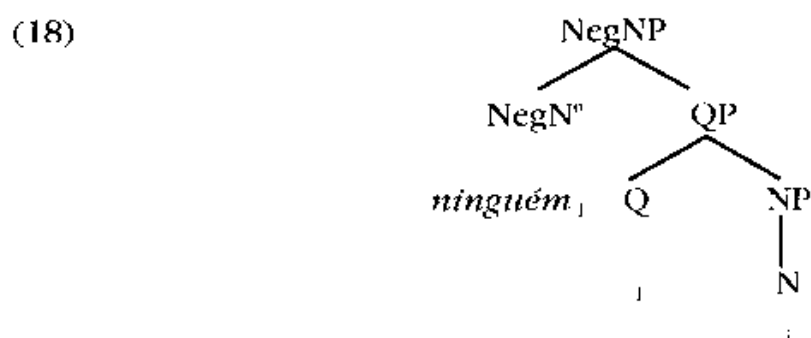
Um traço funcional/abstracto 'Indefinido', independentemente seleccionado do léxico, projecta-se como núcleo funcional Q^o de um QP que toma como complemento aquele NP (instancia-se uma operação de *merge*). Na projecção QP é legitimado o traço 'Indefinido' de *ninguém*, uma vez que este elemento se desloca, mediante 'movimento de núcleo', ao núcleo de QP. Uma vez mais, representamos com uma rasura a legitimação estrutural dos traços:

(16) [QP [Q_{<ind>} ninguém_i <Nome, Humano, Indefinido, Negativo*>] [NP [N t_i]]]

Por último, um traço abstracto 'Neg' projecta-se como núcleo funcional NegN^o, que toma o QP como complemento (segunda instanciação da operação *merge*). O movimento de *ninguém* ao núcleo NegN^o legitima os seus traços negativos, o que está representado com uma rasura:

(17) [NegNP [NegN_{<neg>} ninguém_i <Nome, Humano, Indefinido, Negativo*>] [QP [Q_{<ind>} t_i] [NP [N t_i]]]]]

Assumimos que o valor semântico destes traços é activo, no sentido de que cada um é interpretativamente relevante, com excepção do traço marcado com o asterisco. Propomos que esse traço — o traço Negativo — tem um valor semântico potencial, não activo no léxico. A activação deste valor fica dependente de factores sintácticos, concretamente de uma configuração específica (que descrevemos na secção seguinte). Caso contrário, i.e., se *ninguém* não se encontrar nessa configuração sintáctica, contará apenas como um indefinido, que acaba por ser a máxima especificação semântica que esse item lexical atinge na derivação. O resultado final, visualizado num diagrama em árvore, será o seguinte:



A derivação das restantes palavras-n, nomeadamente de *nenhum*, *nada* e *nunca*, é em tudo idêntica à derivação agora descrita. O que distingue estas palavras é a especificação de traços no léxico:

- (19) entrada lexical de *nada*:
nada < Nome, Coisa, Indefinido, Negativo*>
- (20) entrada lexical de *nenhum*
nenhum < Adjectivo, Indefinido, Negativo*>
- (21) entrada lexical de *nunca*:
nunca < Advérbio, Tempo, Indefinido, Negativo*>

Em conclusão, as palavras-n em português caracterizam-se por serem estruturas de traços de tipo NegXP, apenas potencialmente negativas e semanticamente dependentes da propriedade da antiveridicalidade, i.e., são IPN.

Secção 3.

3.1. Considerações sobre a estrutura oracional negativa: o valor interpretativo [+neg]

Como ficou dito atrás, neste trabalho assumimos que o valor interpretativo de uma frase negativa não resulta da presença de palavras-n, que considerámos inerentemente não negativas. Seguidamente, apresentamos algumas assunções acerca da estrutura da frase negativa, assunções essas que servem de base à argumentação posteriormente apresentada.

Assumimos aqui, ainda que parcialmente, as conclusões de Zanuttini (1994/1997). No âmbito do Programa Minimalista, esta autora descreve a estrutura de uma frase negativa como constituída por projecções lexicais e projecções funcionais negativas. Com esta autora, propomos que as palavras-n constituem exemplos de projecções lexicais. Na secção anterior, caracterizámos estas projecções como NegXPs, no que acabamos por nos distanciar da referida autora, que designa esta projecção como NegP, aí incluindo outras unidades negativas, tais como o item lexical *não*.

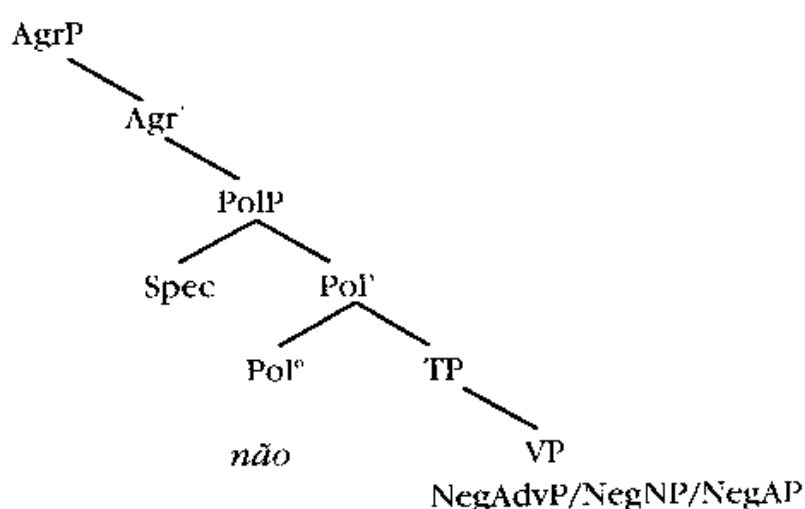
Para além da projecção lexical, Zanuttini sugere a existência de PolP, a projecção funcional responsável pela interpretação negativa de qualquer frase. Nesta projecção são projectados traços negativos funcionais⁶, que devem ser verificados por um item lexical (no máximo) em LF, para a correcta interpretação frásica.

Com Zanuttini, assumimos a existência de PolP nas frases negativas, bem como a sua localização numa posição estrutural mais alta que a da projecção TP em português (cf. Kayne (1975), Pollock (1989), Beletti (1990)), dada a posição relativa final dos elementos negativos que verificam PolP face aos elementos lexicais que verificam TP (cf. Zanuttini (1991)).

De acordo com a caracterização dos traços de PolP que a mesma autora propõe, assumimos ainda que os traços de PolP são fortes em português por duas razões fundamentais. Em primeiro lugar, porque, sendo fortes, os traços do núcleo Pol^o devem ser verificados antes de *Spell out*. Com efeito, essa verificação

é sempre feita em 'estrutura profunda' quer por um marcador negativo — *não* — quer pelas palavras-n. Seja qual for o item lexical responsável pela verificação, este acaba numa posição estrutural mais alta que TP; em segundo lugar, porque o marcador lexical *não*, que verifica esses traços em muitos contextos, tem estatuto nuclear, dado que bloqueia o movimento de outros núcleos, como, por exemplo, de clíticos (cf. Kayne (1989)), e Zanuttini faz corresponder traços fortes a marcadores negativos de estatuto nuclear (cf. Zanuttini (1991, 1994, 1997))⁸. Assim, a estrutura que assumimos para as frases negativas em português é a seguinte:

(22) Estrutura da frase negativa:



3.2. As palavras-n como NegXP- IPN potencialmente negativos e a estrutura frásica negativa

Nesta secção, procuramos analisar a distribuição das palavras-n-IPN na frase. Efectivamente, a integração das palavras-n numa estrutura oracional está sujeita a condições sintácticas impostas pela natureza polar destas unidades: as palavras-n, enquanto IPN, devem ser sintacticamente licenciadas por um operador antiverídico. Repare-se que a ausência destes licenciadores na frase dá origem a agramaticalidade:

(23) *A Maria conhece ninguém.

O nosso objectivo é mostrar que determinadas representações sintácticas apenas permitem o licenciamento das palavras-n como IPN, com valor de indefinidos mas sem valor negativo activado; outras representações permitem actualização do seu valor negativo potencial. Em última instância, a constatação

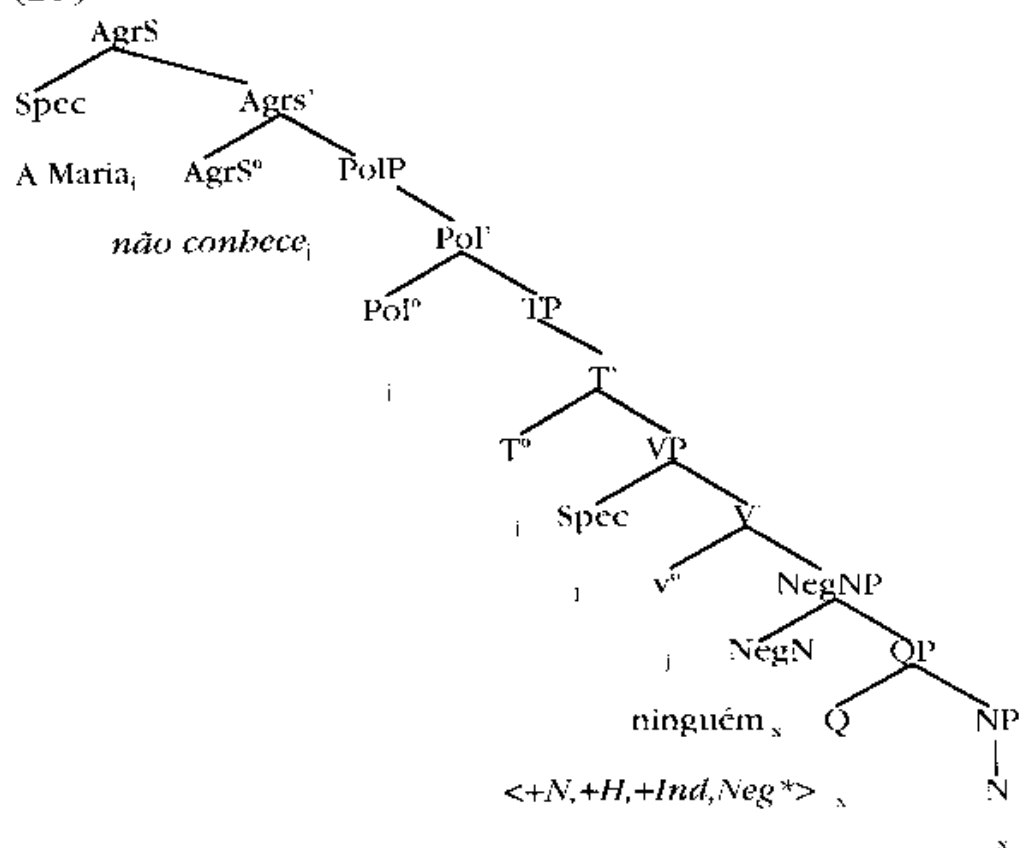
deste contraste fundamenta a nossa caracterização das palavras-n, anteriormente apresentada.

3.2.1. Verificação dos traços abstractos em PolP e licenciamento das palavras-n

Em primeiro lugar, consideramos a verificação dos traços de PolP pelo marcador *não*:

(24) A Maria não conhece ninguém.

(24')



Ao mesmo tempo que verifica os traços de PolP, o marcador negativo licencia as palavras-n IPN sob seu escopo. A representação em (24') mostra que o X que domina o *não* é, em estrutura profunda, Pol^o. Assim, podemos caracterizar esta configuração de licenciamento das palavras-n em termos de *c*-comando (cf. Ladusaw (1992)).

Observe-se, porém que na estrutura de licenciamento de IPN agora descrita, isto é, aquela conseguida sob *c*-comando, as palavras-n não actualizam o seu valor negativo potencial. O máximo valor semântico que é sintacticamente legitimado é o de «indefinido». O valor negativo potencial está representado com um asterisco, de acordo com o que propusemos na secção 2.3.2.1. Na secção

seguinte, descrevemos a configuração que permite a actualização do valor negativo potencial das palavras-n.

3.2.2. Verificação dos traços em Pol^o pelas palavras-n

Uma das conclusões óbvias a retirar da secção anterior é a de que as construções com palavras-n envolvem duas operações simultâneas: o licenciamento das próprias palavras enquanto IPN e a verificação de traços funcionais projectados em Pol^o. A verificação desses traços abstractos também pode ser feita pelas próprias palavras-n. Repare-se na seguinte frase:

(25) Ninguém conhece a Maria.

Assumimos que a verificação dos traços em Pol^o realizada neste caso pelas palavras-n é possível porque (i) as palavras-n possuem traços de negação inerentes que lhe permitem manter uma relação de concordância de traços com o núcleo negativo Pol^o, obtida numa configuração de tipo *spec-head*; (ii) a verificação dos traços de Pol^o acontece porque as palavras-n nessa relação activam o seu valor negativo latente.

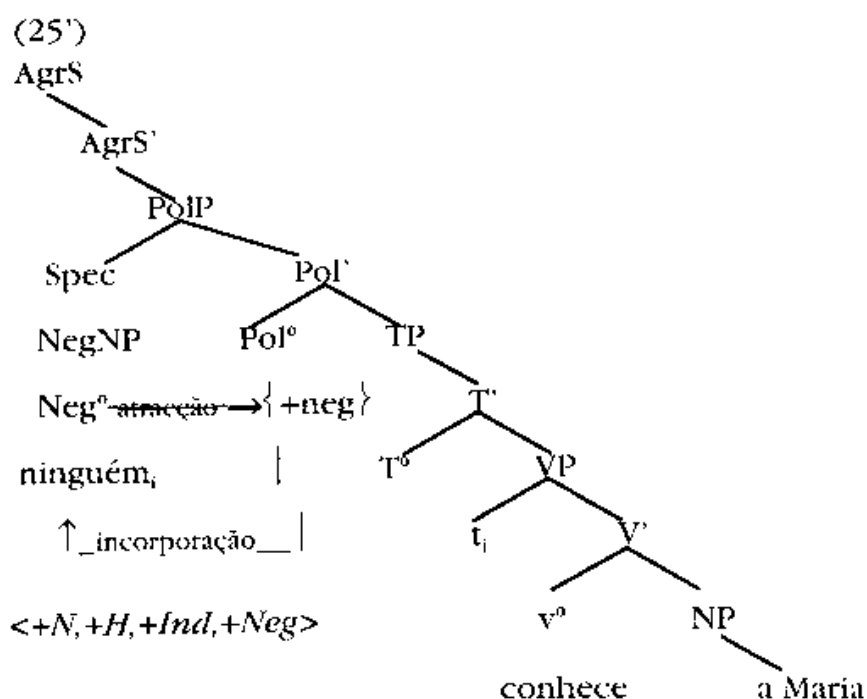
Com base nos mais recentes desenvolvimentos do *Programa Minimalista*, propomos que o traço negativo inerente da palavra-n numa frase como (25) sofre *Atracção* para o núcleo Pol^o. A teoria chomskyana de *Atracção* em *The Minimalist Program* substitui a teoria do movimento α :

(26) " The formulation of the MLC is more natural if we reinterpret the operation of movement as 'attraction': instead of thinking of α as raising to target K, let us think of K as attracting the closest appropriate α . We define *Attract* in terms of the condition (84), incorporating the MLC and Last Resort (...):

(84) K *attracts* F if F is the closest feature that can enter into a checking relation with a sublabel of K.

If k attracts F, then α merges merges with K and enters its checking domain..." (Chomsky (1995:297))

Podemos propor que a subsequente activação do valor negativo das palavras-n se obtém por incorporação, pelas palavras-n e devido à partilha de traços verificada, do valor negativo abstracto projectado em Pol^o (cf. Klima (1964); Peres (1999)). Como resultado desta activação, as palavras-n verificam os traços negativos em Pol^o. Representamos, com a eliminação do asterisco no traço Neg, a activação dos valores negativos da palavra-n agora descrita:



Que dizer do licenciamento das palavras-n enquanto IPN, quando estas se encontram na configuração *Spec-head* com o núcleo de Pol°? Pensamos que as palavras-n que vêm aí activado o seu valor negativo potencial deixam de ser IPN, dado que passam a ter o valor de antiveridicidade em si mesmas. Por outras palavras, assumimos que, dadas as condições sintácticas acima descritas, as palavras-n se auto-licenciam em termos de sensibilidade polar (cf. Ladusaw (1992), para uma solução ligeiramente diferente).

3.2.3. A verificação de traços em Pol° pelas palavras-n: contextos interditos

Considere-se, finalmente, o seguinte contexto, ilustrativo de construções em que as palavras-n IPN estão no domínio de complementação de um núcleo nominal:

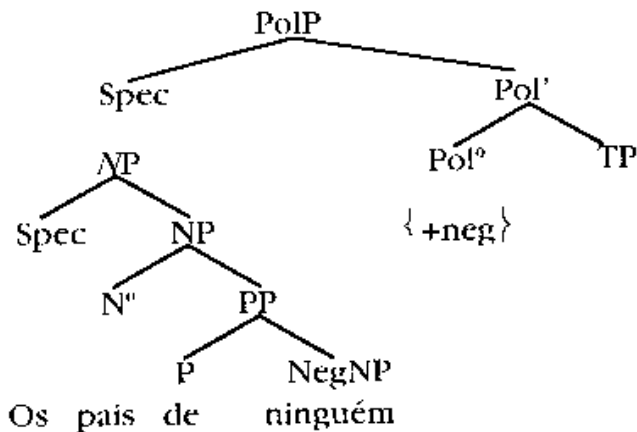
(26) os pais de ninguém/nenhum aluno

Quando este tipo de sintagma está na posição pós-verbal, a necessidade de c-comando de um núcleo antiverídico sobre os IPN obtém-se facilmente por *não* em Pol° ou por uma palavra-n que tenha verificado os traços abstractos de Pol°:

- (27) a. Não convidaram para a festa os pais de ninguém.
 b. Nunca convidaram para a festa os pais de ninguém.
 c. Ninguém convidou para a festa os pais de nenhum aluno
 d. *Foram convidados para a festa os pais de ninguém.

Considere-se, no entanto, a seguinte ocorrência do sintagma em questão em posição pré-verbal, com a relação sintáctica de sujeito:

- (28) *Os pais de ninguém foram convidados para a festa. (Arnaiz (1993))
 (28') *

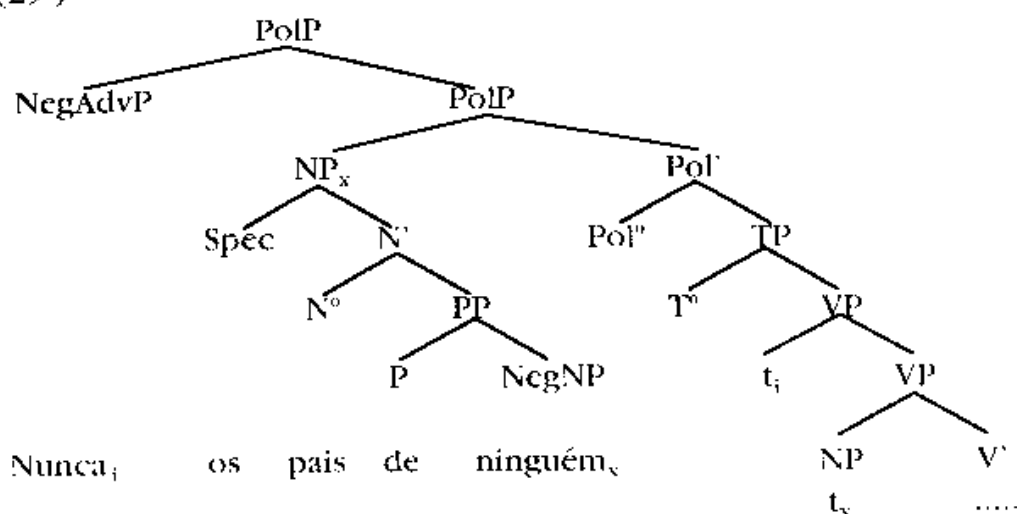


A agramaticalidade verificada só pode ser atribuída à configuração agora obtida. Estando na posição de complemento nominal, a palavra-n não pode entrar em concordância com os traços em Pol°. De facto, na configuração descrita em (28'), os traços do sintagma NegXP não podem ser atraídos para o núcleo Pol°, dada a inexistência de relação de tipo *Spec-head*^o. Assim, *ninguém*, num sintagma como 'os pais de ninguém', não pode, em caso algum, ver activados os traços negativos, com a conseqüente impossibilidade de os traços abstractos em Pol° serem verificados. Por esta razão, o sintagma em questão não pode nunca negar uma frase.

Todavia, existe a possibilidade de licenciar a palavra-n na posição de complemento nominal, sendo o sintagma em questão todavia o sujeito pré-verbal. Esse licenciamento pode ser feito por outra palavra-n que possa verificar o valor negativo em Pol° e que esteja numa posição de onde c-comande sintagma *os pais de ninguém*:

- (29) Nunca os pais de ninguém foram convidados para a festa.

(29')



De acordo com o que propusemos em secções anteriores, nestes casos de licenciamento sob c-comando, o máximo valor semântico activado pelas palavras-n é o de indefinido não negativo.

4. Alguns efeitos da proposta

1. O tratamento das palavras-n como potencialmente negativas explica o seu diferente comportamento face aos minimizadores e a outros IPN, como *anybody*. De acordo com a hipótese por nós proposta para as palavras-n, pensamos que os minimizadores *vivalma* e *pataвина* são itens lexicais com a seguinte especificação de traços, que não inclui traços negativos:

- (30) entradas lexicais de *vivalma* e *pataвина*:
vivalma <nominal, humano, indefinido>
pataвина <nominal, coisa, indefinido>

Como tal, estes itens não projectam nenhum NegNP, possivelmente apenas um QP, onde os seus traços indefinidos são legitimados. Baseamos a hipótese de inexistência de traços negativos inerentes a estes itens no facto empírico de estas expressões nunca adquirirem valor negativo na frase. Repare-se que, nos seguintes exemplos, estas expressões estão capacitadas para desempenhar funções sintácticas (no caso, de sujeito), mas não para adquirir valor negativo:

- (31)a. O João saiu sem *vivalma* o ver.
 b. Eu não sei onde está o João nem *vivalma* parece tê-lo visto ultimamente.
 c. O João saiu antes de *vivalma* ter acordado.
 d. **Vivalma* chegou. (cf não chegou *vivalma*)
 e. **Vivalma* não chegou.

Dada a inexistência de traços negativos inerentes, é impossível que estes IPN mantenham uma relação de concordância com Polⁿ em Spec.PolP (mesmo na presença de *não*), não podendo activar valor negativo.

A hipótese de tratamento das palavras-n que desenvolvemos neste trabalho também nos parece oferecer uma explicação para a agramaticalidade da seguinte frase, que envolve o item polar *anybody* (tomámos esta frase de Ladusaw (1992)):

(32) **Anybody didn't come.*

Este IPN comporta-se como os minimizadores: são ambos licenciados sob o comando de um operador semântico adequado, mas nunca vêm activado valor negativo numa configuração de *Spec-head* com Polⁿ. Atribuimos a agramaticalidade verificada em (32) ao facto de *anybody* não possuir traços negativos potenciais que lhe permitam concordar com o núcleo Polⁿ.

2. De acordo com a proposta desenvolvida até aqui, a evolução diacrónica no comportamento das palavras-n pode ser vista como a evolução na activação do valor negativo das palavras-n. Possivelmente, as palavras-n/IPN no léxico do português (e do espanhol, italiano, inglês) começaram por ter traços negativos potenciais não activáveis. Daí que a verificação do núcleo PolP (forte) fosse sempre feita pelo marcador negativo e as palavras-n licenciadas como IPN, sem valor negativo activo. Possivelmente, isto é o que se passa ainda hoje em línguas como o romeno, nos crioulos e na linguagem infantil. O processo de transição para a activação do valor negativo potencial das palavras-n pode ser actualmente testemunhado em catalão:

(33) *Maí (no) plou.*
Nunca não chove

3. Com a proposta de tratamento das palavras-n como Itens de Polaridade com valor negativo potencial, derivamos o surgimento de palavras-n em contextos não negativos com valor não negativo, como na seguinte frase:

(34) *Me indigna que venga nadie.* (Bosque, 1980:27)

De acordo com o que propusemos na secção 2.2., as palavras-n do espanhol são IPA. Como tal, estas palavras devem aparecer em contextos que satisfaçam as suas necessidades semânticas específicas. Em (34) esse contexto realiza-se na presença do verbo *indignar*; por outro lado, não sendo inerentemente negativas, as palavras-n podem aparecer em contextos em que o

seu valor negativo permaneça latente. Efectivamente, em (34), a palavra-n é licenciada sob c-comando do licenciador não verídico e o máximo valor semântico que este NegXP tem legitimado é o de indefinido humano.

4. Extensão da proposta ao caso do inglês *standard*.

No seguimento da análise proposta, defendemos que as palavras-n do inglês são itens lexicais com um conjunto de traços inerentes idênticos ao das palavras-n em português:

(35) entrada lexical de *nobody*:

nobody: <+Nome, +Humano, +Indefinido, +Negação*>

Tal como propusemos para o português, entendemos que, numa derivação, estes traços projectam um NegNP, e que o traço marcado com asterisco é semanticamente latente (no sentido em que apenas é activado mediante uma configuração sintáctica específica):

(36) [NegNP [NegN_{<neg>} *nobody*, <Nome, Humano, Indefinido.Negativo*>]
[QP [Q_{<incl>} t_i [NP [N t_i]]]]]

O que se passa com palavras como *nobody* numa derivação frásica? Sabemos que de modo nenhum são permitidas sob o escopo de operadores antiverídicos:

- (37) a. * I didn't see nobody.
b. * I left without nobody noticing.
c. *Neither did she see nobody nor nobody saw her.

Este facto é facilmente explicável se assumirmos que as palavras-n do inglês *standard* não são IPN, sendo apenas estruturas lexicais indefinidas potencialmente negativas. Esta é, do nosso ponto de vista, a diferença essencial das palavras-n do inglês (e de línguas afins, como o alemão) relativamente às palavras-n do português (e línguas que têm o mesmo comportamento, como o espanhol, catalão, italiano, romeno, húngaro, crioulos).

Com efeito, o inglês possui um paradigma de Itens de Polaridade, i.e., palavras sensíveis a propriedades semânticas contextuais: as *anywords*.

- (38) a. I didn't see anybody.
b. I left without anybody noticing.
c. Neither did she see anybody nor anybody saw her.

Como consequência do seu valor negativo potencial, as palavras-n do inglês estão sujeitas a contextos em que possa ser feita a activação desse valor, isto é, exigem estar em configurações que permitam uma relação de concordância com um núcleo funcional negativo.

Com efeito, através do seguinte conjunto de dados, Peres (1995/97/99), no seguimento de Klima (1964), prova que, mesmo em inglês e no caso das palavras-n pré-verbais, existe uma projecção negativa abstracta, independente das palavras-n:

- (39) a. The students read the book, *not even Rui.
 b. The students didn't read the book, not even Rui.
 c. No student read the book, not even Rui. (Peres (1999:6))

Assim, as palavras-n podem aparecer no contexto pré-verbal *-Nobody came-* e o contexto pós-verbal *-I saw nobody-* (cf. Peres (1997)). No primeiro caso, concordam com Polⁿ; no segundo, presumivelmente concordam com um núcleo negativo sintagmático (cf. Peres (1997), talvez ao nível de AgrO), dado que a frase em questão não é interpretativamente negativa.

5. Activação do valor negativo: um processo configuracional

Sendo meramente configuracional, i.e., o resultado de uma disposição sintáctica que permite a concordância entre um núcleo funcional negativo e um elemento lexical com traços negativos na posição de especificador (um NegXP, por exemplo), o processo de activação do valor negativo que agora acabámos de caracterizar pode não acontecer se essa configuração se altera. Repare-se no seguinte contraste:

- (40) a. Ninguém veio
 b. Não veio ninguém.

As duas frases são interpretativamente equivalentes. Em (a.), assumindo que os argumentos que desempenham a função de sujeito em português devem ter comprovado, em sintaxe, o traço [+ nom] na posição de Especificador de AgrP, é lícito defender que *ninguém*, marcado com esse traço casual, ocupa (ou ocupou) essa posição na frase; em (b.), vamos assumir que a palavra-n também se encontra em Spec.AgrP, porque tem igualmente caso nominativo activado. Nesse caso, e face aos dados em (a.), temos de assumir que, em (b.), o verbo se deslocou para uma posição estrutural acima de AgrP.

Somos remetidos para a análise de estruturas de inversão. De acordo com a proposta de Ambar (1988/97/98), a frase (a.) pode ser analisada como totalmente

focalizada, dado que é uma resposta lícita a perguntas de foco total, como *que aconteceu?*

- (41) a. O que aconteceu na reunião de ontem?
 b. Olha, ninguém veio/ninguém apareceu/ninguém falou.

De acordo com a proposta desta autora para as estruturas de foco, uma estrutura possível para a frase (a.) pode ser a seguinte¹⁰:

(40.a') [_{FocP} OP EV] [_{Foc'} [_{IP} Ninguém veio]]]

Ainda de acordo com a mesma proposta, a frase (b.) pode ser considerada como uma construção normal de focalização de sujeito, com subida do verbo para Foc^o, permanecendo a palavra-n sujeito em IP, para assim receber foco do verbo.

(40.b') [_{FocP} OP [_{Foc'} não veio_i [_{IP} ninguém_x [_{IP} [_{VP} t_x t_i]]]]]]

Enunciados como (b.) são possíveis no seguinte contexto:

- (42) (a propósito de uma festa de aniversário)
 - E quem veio?
 - Não veio ninguém.
 - *Ninguém veio.

Consequentemente, em (a.), *ninguém* vê activado o seu valor negativo potencial em Spec,PolP, quando se desloca para AgrP; em (b.), apesar de (presumivelmente) ter passado pela posição de Spec,PolP, *ninguém* não tem activado o seu valor negativo potencial. O máximo valor que vê legitimado é o de indefinido humano, porque os traços de negação funcional estão verificados por *não*, enclítico ao verbo, entretanto deslocado para Foc^o.

Secção 5. Hipótese final de definição de CN

Da discussão anterior, as conclusões a que chegamos podem ser traduzidas nas seguintes definições:

1. Item de Polaridade Negativa

Um item de polaridade negativa é uma expressão indefinida sensível aos traços semânticos da anti-veridicidade. Há Itens de Polaridade negativa potencialmente negativos (as palavras-n) e Itens de polaridade que não têm traços de negação inerentes (os minimizadores).

2. Palavras-n

Uma palavra-n é um item lexical com traços indefinidos e negativos, projectados num sintagma NegXP. Todavia, os traços negativos são apenas potenciais. Em algumas línguas, as palavras-n são IPN (português e línguas que com ele se agrupam), enquanto noutras não o são (inglês e previsivelmente outras línguas com paradigmas específicos de Itens de Polaridade).

3. CN

A Concordância Negativa pode ser definida como *um processo sintáctico de redundância formal de traços negativos, verificada entre uma projecção funcional negativa (por exemplo, PolP) e as projecções lexicais com traços negativos (por exemplo, as palavras-n - NegXPs). Desta redundância formal resulta um único valor semântico negativo.*

Podem ser enumeradas três consequências imediatas da definição proposta:

1. A extensão do processo de CN a qualquer posição sintáctica das unidades lexicais relevantes, incluindo a posição pré-verbal, no que nos aproximamos de Peres (1995/97).
2. A extensão do processo de CN a todas as línguas com unidades do tipo NegXP dependentes de um núcleo funcional negativo, no que nos aproximamos de Peres 1995/97.
3. A exclusão dos IPN minimizadores do processo de CN.

Notas

1 Este trabalho é uma versão parcial da Dissertação de Mestrado em Linguística e Didáctica do Português intitulada 'Para uma Definição do Processo de Concordância Negativa em Português Europeu', escrito com o apoio de uma bolsa de estudo concedido no âmbito do PROGRAMA PRAXIS XXI (BM/6760/95).

2 Agradeço à audiência do XV Congresso da Associação Portuguesa de Linguística pelos muitos comentários, alguns dos quais introduzidos nesta versão final.

3 Também nos contextos de comparativas sintagmáticas é possível encontrar palavras-n, que não analisamos neste trabalho:

(i) A Rosana correu mais depressa que ninguém.

4 Sobre a existência de um operador antiverídico/ negativo na frase *Ninguém chegou* ver adiante. Outras provas da sua existência, embora não visível em português actual, são dadas pelo português medieval. (ver Martins (1996/no prelo)).

5 Como é sabido, no marco do Programa Minimalista (1995, 1999) estabelece-se uma distinção essencial entre os componentes gramaticais Léxico e Sistema Computacional. O primeiro consiste em: a) peças léxicas associadas a complexos de traços (que devemos entender como os aspectos da sua definição sujeitos a legitimação

sintáctica), e b) traços abstractos (não associados a uma matriz fonológica). As primeiras projectam-se no componente frásico lexical (NP, VP, AP e PP/AdvP); os segundos no funcional (IP, DetP, etc.). Cada processo de selecção lexical deve reunir um conjunto convergente de peças léxicas e de traços abstractos: i.e., um conjunto de peças léxicas, mais o conjunto dos traços abstractos adequado à legitimação dos traços lexicalizados naquelas. O processo de "toma da selecção lexical" de cada um dos seus componentes (i.e., a derivação das estruturas lexicais) segue a ordem das especificações de subcategorização que lhes são próprias. Cada vez que se toma um elemento da selecção léxica a) "funde-se" (*Merge*) com a estrutura já gerada até esse momento, e b) projecta-se uma nova categoria na qual consta como núcleo (a estrutura à qual se fundiu será o seu complemento). A formação de tecido sintáctico seguindo esta pauta proporciona a estrutura necessária para operar os movimentos tendentes à legitimação dos traços lexicais.

6 A projecção destes traços funcionais pode ser entendida como o resultando da presença na derivação das palavras-n, itens lexicais semanticamente dependentes, que, por isso, necessitam da presença (na derivação) de elementos que preencham a sua defectividade semântica. Veja-se a nota 5 para a apresentação sumária dos mecanismos de derivação frásica que estamos a assumir.

7 Em vez de PolP, estes autores designam esta projecção como *NegP*.

8 Relativamente ao marcador negativo, consideramos que *não* está presente na NUMERAÇÃO (*lexical array*), mas não projecta nenhuma categoria léxica. Consideramos que *não* é inserido (*merged*) durante a derivação para tornar visíveis traços projectados em PolP, caso nenhuma outra projecção lexical (como, por exemplo, as palavras-n) esteja numa configuração onde o possa fazer. Desta forma, dispensamos a projecção léxica *NegP*, dado que na frase *não* não desempenha qualquer função sintáctica (ao contrário das palavras-n), apenas funcional (cf. Matos (1998/99) para uma proposta que também dispensa a projecção *NegP*). Assumimos neste trabalho que a posição onde *não* é inserido é Pol⁰, não obstante as dificuldades que enfrentamos em explicar a posição final proclítica de *não*.

9 Chomsky inclui na definição de *Atracção* a condição de *Shortest Move*, que determina que o traço atraído (aqui, o da palavra-n) deve estar o 'suficientemente perto' do atractor (aqui, o de Pol⁰). Por 'suficientemente perto' entendemos estar em relação '*spec-head*'. No exemplo em questão, a atracção é impedida, talvez porque existe uma localização mais próxima desde a qual o traço requerido pudesse ser atraído. Isto determina que a atracção não possa exercer-se sobre o complemento nominal *de ninguém* que, de facto, está mais encaixado na estrutura. Neste exemplo, o que parece acontecer é que as condições de economia determinam que a aplicação de uma operação sobre um domínio é bloqueada por existir outro domínio mais próximo ou acessível para essa operação. Por outras palavras, se uma operação se pode aplicar sobre um determinado domínio X, e a sua aplicação sobre X não dá o resultado requerido, a gramática não pode tentar de novo sobre outro domínio mais encaixado.

10 No entanto, a aplicação da proposta desta autora deixa-nos sem explicação o seguinte par:

(ii) a. O que aconteceu na reunião de ontem?

b. Olha, não veio ninguém / não apareceu ninguém / não falou ninguém.

Referências

- AMBAR, M. M. (1988) *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*. Dissertação de Doutoramento. Ed. Colibri, Lisboa, 1992.
- AMBAR, M. M. (1997). "Aspects of Focus in Portuguese." in Laurie Tuller e Georges Rebuschi (eds.) *The Grammar of Focus*, John Benjamins (imprensa).
- AMBAR, M. M., OBENHAUER, H. G., PEREIRA I., E VELOSO, R. (1998). "On the Internal Structure of Portuguese WH phrases", comunicação apresentada a mesa redonda «Structures formelles du langage». UPRESA 7023, Novembro, Paris.
- AMBAR, M., OBENHAUER, H. G., PEREIRA I., TAPAZDI, J. E. VELOSO, R. (1998). "From wh questions to wh exclamatives: The internal structure of wh phrases and the left periphery - evidence from Portuguese, French and Hungarian". Contribuição para a celebração do septuagésimo aniversário de Noam Chomsky (internet).
- ARNAIZ, A. (1993). 'N-Words and Wh-in-situ in Spanish.' in *Anuário del Seminario de Filología vasca «Julio de Urquijo» (ASJU)*, XXVII-3, 1993, 785-814.
- BELJETTI, A (1990). *Generalized Verb Movement*. Rosenberg & Sellicr, Torino.
- BOSQUE, I. (1980) *Sobre la Negación*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- CHOMSKY, N. (1995). *The Minimalist Program*. The MIT Press, Cambridge, Mass.
- DÉPREZ, V. (1997). 'A non unified analysis of negative concord'. Forget, D, Forget, P, Hirschbuhler, F, Martineau e M.L. Rivero (eds.) *Negation and Polarity: syntax and semantics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company 53-74.
- DIAS, E. da S. (1917). *Sintaxe Histórica Portuguesa*, Lisboa: Livraria Clássica Editora(5ª ed., 1970)
- DUARTE, I. (1987). *A Construção de Topicalização na Gramática do Português: Regência, Ligação e Condições sobre Movimento*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- GIANNAKIDOU, A. (1995). "Linking Mood to Polarity Sensitivity", *Console 3*: 71-83. Universidade de Veneza.
- GIANNAKIDOU, A. (1996). " NPI as predicates". Comunicação apresentada no LSA -1996, UC, San Diego.
- GIANNAKIDOU, A. (1997). *The Landscape of polarity items*. Tese de Doutoramento, Universidade de Groningen.

- GIANNAKIDOU, A. (1998). *Polarity sensitivity as (non) veridical dependency*. Amsterdam: John Benjamins.
- HAEGEMAN, L. (1995). *The Syntax of Negation*. CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS.
- HAEGEMAN, L. & ZANUTTINI, R. (1991) Negative Heads and the Neg Criterion. In *The Linguistic Review*, 8: 233-251.
- KAYNE, R. (1975). *French Syntax*. Cambridge: The MIT Press.
- KAYNE, R. (1989). 'Null subjects and the clitic climbing'. In *the null subject parameter*, editado por O. Jaeggli e K. Safir. Dordrecht: Kluwer. pp. 239-261.
- KLIMA, Edward: 1964, "Negation in English", in Jerry A. Fodor e Jerrold J. Katz (orgs.), *The Structure of Language, Readings in the Philosophy of Language*, Prentice-Hall, Englewood Cliffs, NJ.
- LADUSAW, William: 1992, "Expressing Negation", in C. Barker e D. Dowty (orgs.), *Proceedings of the Second Conference on Semantics and Linguistic Theory*, Vol. 40 de *Ohio State Working Papers in Linguistics*, The Ohio State University, Columbus, pp. 237-259.
- LAKA, Itziar (1990). *Negation in Syntax: on the Nature of Functional Categories and Projections*, diss. de dout., MIT.
- MARTINS, A.M. (1997). "Aspectos da negação na história das línguas românicas (Da natureza de palavras como *nenhum, nada, ninguém*). In *Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, realizado em Braga, 1996. Lisboa:APL.
- MARTINS, A.M. (no prelo) "Polarity Items in Romance" in Susan Pintzuck, Georges Tsoulas e Anthony Warner (eds.), *Diachronic Syntax: Models and Mechanisms*. Oxford University Press (a publicar em 2000 ou 2001)
- MATOS, G. (1999). *Negação Frásica e Concordância Negativa em Português Europeu*. Actas do XIV Encontro Nacional da APL, realizado em Aveiro, 1998. Lisboa:APL.
- MATOS, G. (1999). "Negative Concord and the Scope of Negation". a aparecer em *Catalan Working Papers in Linguistics*. Bellaterra: Universidade Autònoma de Barcelona.
- PERES, João Andrade: 1994 / 95, "Concordância Negativa Através de Fronteiras Frásicas". in *Actas do X Encontro Nacional de Linguística, Universidade de Évora, 6 a 8 de Outubro, 1994*, APL, Lisboa, 1995.
- PERES, João Andrade: 1995, "Extending the Notion on Negative Concord", comunicação apresentada ao Colóquio "Negation - Syntax and Semantics", Universidade de Otava, Canadá, 11-13 de Maio, 1995, a publicar em volume da Cambridge University Press.
- PERES, J. (1997). "Extending the Notion on Negative Concord". Forget, D. Forget, P. Hirschbuhler, F. Martineau e M.L. Rivero (eds.) *Negation and Polarity: syntax and semantics*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company

- PERES, J. (1999). "On the Nature and Licensing Conditions of *N*-Phrases in Portuguese" (ms.)
- POLLOCK; J-Y. (1989). "Verb movement, Universal Grammar and the Structure of IP", in *Linguistic Inquiry*, 20:365-424.
- RIZZI, L. (1982). *Issues in Italian Syntax*. Foris, Dordrecht.
- ZANUTTINI, R.(1991). *Syntactic Properties of Sentential Negation. A Comparative Study of Romance Languages*. diss de dout.. University of Pennsylvania.
- ZANUTTINI, R. (1994). 'Re-examining negative clauses' in G. Cinque, J. Koster, J-Y. Pollock, L. Rizzi and R. Zanuttini (eds.) *Paths Towards Universal Grammar, Studies in Honor of Richard S. Kayne*.Georgetown University Press, Washington, D.C.
- ZANUTTINI, R. (1997). *Negation and Clausal Structure - a Comparative Study of Romance Languages*. New York, Oxford: Oxford University Press.